

<https://doi.org/10.5965/24471267732021179>

#aquareladudi: entrevista com Dudi Maia Rosa

#aquareladudi: interview with
Dudi Maia Rosa

#aquareladudi: entrevista com
Dudi Maia Rosa

Daniela Vicentini¹

¹ Doutoranda em Artes, na linha de pesquisa em Processos Artísticos Contemporâneos, da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC). Investiga conceitos de natureza e realiza obras em caminhadas, aquarelas, escritos e processos colaborativos. Email: vicentinidan@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-0894-4287> e <http://lattes.cnpq.br/0553803387885690>

RESUMO

Trata-se de uma entrevista com o artista paulistano Dudi Maia Rosa (1946) a respeito da sua consistente produção de pinturas em aquarela, realizada ao longo da sua carreira. A obra mais célebre de Dudi Maia Rosa constitui-se por pinturas-objetos feitas com resina e técnicas mistas. As aquarelas, no entanto, sempre acompanharam a produção do artista e o foco dado ao motivo das aquarelas nessa entrevista tem o objetivo de ampliar a reflexão sobre as incursões poéticas da importante obra de Dudi Maia Rosa. A reflexão que almejamos suscitar, ao evidenciar essa produção menos conhecida do artista, é a sua inserção, a sua presença, no todo da obra. Dudi Maia Rosa reflete sobre o aspecto intimista, libertador e até autobiográfico desta técnica em sua produção artística. A entrevista foi feita on line, no primeiro semestre da pandemia, em 2020, e transcrita pela autora. A entrevista apresenta a fala generosa, fluida e transbordante do artista.

PALAVRAS-CHAVE

Pinturas em aquarela; Arte Contemporânea; Dudi Maia Rosa

ABSTRACT

It is an interview with Dudi Maia Rosa (São Paulo, 1946) about his consistent production of watercolour paintings throughout his career. Dudi Maia Rosa's most famous work consists of object-paintings made with resin and mixed techniques. Watercolors, however, have always accompanied the artist's production and the focus given to the watercolor motif in this interview aims to broaden the reflection on the poetic incursions in Dudi Maia Rosa's important work. The reflection we aim to raise, by highlighting this less known production of the artist, is its insertion, its presence, in the work as a whole. Dudi Maia Rosa reflects on the intimate, liberating, and autobiographical aspect of this technique in his artistic production. The interview was done online, in the first semester of the pandemic, in 2020, and transcribed by the author. The interview presents the generous, fluid and overflowing speech of the artist.

KEYWORDS

Watercolour painting; Contemporary Art; Dudi Maia Rosa

RESUMEN

Se trata de una entrevista con el artista paulista Dudi Maia Rosa (1946) sobre su producción constante de acuarelas a lo largo de su carrera. La obra más conocida de Dudi Maia Rosa consiste en pinturas-objeto realizadas con resina y técnicas mixtas. La acuarela, sin embargo, siempre ha acompañado la producción del artista y el enfoque dado al motivo de la acuarela en esta entrevista pretende ampliar la reflexión sobre las incursiones poéticas en la importante obra de Dudi Maia Rosa. La reflexión que pretendemos provocar, al destacar esta producción menos conocida del artista, es su inserción, su presencia, en el conjunto de la obra. Dudi Maia Rosa reflexiona sobre el aspecto íntimo, liberador e autobiográfico de esta técnica en su producción artística. La entrevista se realizó on line, en el primer semestre de la pandemia, en 2020, y fue transcrita por el autor. La entrevista presenta el discurso generoso, fluido y desbordante del artista.

PALABRAS CLAVE

Acuarelas; Arte Contemporáneo; Dudi Maia Rosa

APRESENTAÇÃO

Nesta entrevista, conversei com Dudi Maia Rosa, artista conhecido no contexto da arte contemporânea brasileira pelas suas pinturas-objeto, feitas com resina e técnicas mistas. Dudi Maia Rosa tem sua formação inicial ligada ao artista Wesley Duke Lee e ao contexto da Escola Brasil, em São Paulo, na década de 1970. A partir de 1984, iniciou a pesquisa pictórica com resina poliéster pigmentada em fibra de vidro, trabalhos com volumes e relevos.

No entanto, Dudi Maia Rosa também realizou uma consistente produção de pinturas em aquarela ao longo da sua carreira – pinturas de paisagem realizadas com base em observação direta, menos conhecidas e pesquisadas, que pela sua potência poética me impulsionaram a ter essa conversa com o artista, que se deu em maio de 2020, durante a quarentena causada pela Covid 19, num encontro online que foi gravado. A entrevista foi transcrita e editada por mim, depois foi submetida à apreciação do entrevistado. Preparei perguntas, baseadas em pesquisa sobre sua obra e na leitura dos textos indicados nas referências. A entrevista apresenta a fala generosa, fluida e transbordante do artista.

Transparências, cores, brilhos e luzes são qualidades com as quais normalmente percebemos as pinturas de aquarela. As aquarelas de Dudi Maia Rosa parecem ter uma luminosidade úmida, talvez por se entremear em uma matéria turva, revelando certa qualidade própria das paisagens brasileiras. Não é uma luz límpida e profunda como a de um vitral numa catedral gótica. É uma luz que pulsa abrindo espaço (com o papel que ficou branco), na turgidez e nas transparências dos pigmentos que conformam a pintura por gestos e sobreposições de pinceladas entrecortadas de cores.

Os elementos da paisagem – rocha, água, árvore, céu – surgem em pedacinhos de cores inventadas, próprias daquele exato momento observado, evidenciando um todo vivo e em movimento. As imagens criadas por Dudi Maia Rosa captam um instante de algo em contínuo processo de se conformar – ao menos é assim que o visível se coloca para a percepção por meio da cor.

Os trabalhos em resina que normalmente associamos à produção de Dudi Maia Rosa, também exploram transparências, cores, brilhos e luzes em sua constituição. Todos esses elementos juntos são como que moldados no objeto pintura, em que a profundidade da cor e da luz se tornam fatos concretos que acontecem desde lá de dentro até a superfície. Algumas pinturas mantêm na superfície a memória da matéria da resina em seu estado viscoso, com dobras, rugas e marcas. Outras brilham como cristal. Nas pinturas em aquarela, esses elementos pictóricos estão presentes no processo de construção das camadas de cor, mas se dão de outras maneiras pelas especificidades dos materiais e seus efeitos em suportes distintos.

Escutar a fala do artista, sobre seu método de trabalho e suas inquietações, é uma forma indireta de testemunhar seu processo criativo, que se dá no espaço íntimo do seu ateliê, lugar em que as coisas tomam forma num movimento contínuo, por escolhas, intuições e acasos. A conversa traz uma sensação de alegria, de convite à

criação, de amor e veneração à vida – encantamento de matéria, luz, sombra, cores, brilhos e transparências percebidos num eterno processo de formação e conformados em arte. Vejo, nessas séries de pinturas de Dudi Maia Rosa, aquilo que Goethe descreve como uma intuição viva da natureza, em que o formado será de novo transformado, mantido na experiência apenas por um instante. (GOETHE, 2019, p.26)



Fig.1. Dudi Maia Rosa, sem título, 1992. Aquarela, 23 x 32,2 cm. Crédito fotográfico: Felipe Bertarelli.

Fig. 2. Dudi Maia Rosa, sem título, 1997. Aquarela, 25,1 x 35 cm. Crédito fotográfico: Felipe Bertarelli.

Daniela Vicentini: Tenho acompanhado pelo seu Instagram, com a #aquareladudi, a publicação de várias de suas aquarelas de paisagens. Essas aquarelas acompanham sua produção artística desde sempre, não é mesmo? Tem pinturas desde a década de 1970 até hoje. Como você relaciona essa produção com a sua trajetória artística mais oficial, digamos assim?

Dudi Maia Rosa: Tem aquarelas ao longo de muitos anos, a aquarela me acompanhou a vida inteira. Agora elas têm características que estão mais ou menos constantes. Nesse processo da paisagem, tem uma coisa brasileira que eu prezo muito. Ao longo do tempo, fui entendendo o que ela significa, de certa forma. A aquarela tem uma coisa que caracteriza muito fortemente para mim: ela tem um prazer, uma coisa lúdica, um fator liberador de desfrute mesmo da vida. É uma declaração de amor, de troca sensual com a natureza e com a realidade.

Eu guardei muito tempo a aquarela como algo próprio da minha relação com a vida, com a realidade. A inserção da aquarela no corpo do que seria o trabalho como um todo, eu diria algo que é mais ou menos assim: a fotografia, quando ela apareceu, foi marginalizada pelos verdadeiros artistas, como algo meio pronto, que não tinha toda a densidade do fazer, que não acarretava numa qualidade, que não constituía o mito da pintura mesmo. Ela se colocou como algo prosaico. Aí a fotografia registrou a guerra, os lugares, até que se deram conta de que a fotografia era um patrimônio do registro que se tornou indispensável para o entendimento dos nossos tempos. A fotografia então teve que ser reconsiderada pelo fato de ela ter desenvolvido coisas

que era da natureza da própria linguagem, que foi absolutamente enriquecedora, do ponto de vista da arte na era da reprodutibilidade, e de uma porção de quebras de paradigmas, e passou a ser olhada como algo contemporâneo, fundamental na percepção da realidade e na discussão do que a arte vem a ser.

Eu entendo que a minha aquarela, nas suas devidas proporções, tem algo disso, porque não era uma coisa contemporânea, de vanguarda, conceitual. Ela é muito lúdica, de natureza sensível, e nessa liberdade eu me permiti uma certa entrega afetiva, sem muito me preocupar com o objeto arte. Tanto que só fiz uma exposição de aquarela, em 1978, se não me engano. Eu tinha um certo constrangimento, no sentido de fazer algo que não estaria colocado como uma coisa discursiva e argumentativa.

Até que eu percebi que as coisas que eu aquarelo, que são elegidas como uma presença de luz da vida, tinha uma coisa assim: aquele lugar que eu estava me banhando nessa luz eu já me banhei também quando criança no mar; aquele campo que está ali, de alguma forma, eu já corri nele, já andei a cavalo. Quer dizer, é algo incorporado ao vivencial. Não é estético ou ideológico, é orgânico e pertence a uma vivência, uma realidade que me cabe. As aquarelas são permeadas por essa experimentação desde criança e adolescente. Dizendo de uma forma mais elementar: eu queria nadar e correr. Hoje eu quero encher meus olhos de luz, de entendimento, dessa vida que se oferece. E a relação de vida e arte, me parece, que está bastante incorporada e atualizada.

Em São Paulo, tem uma coisa: uma hora você está na natureza e uma hora você não está. Você se movimenta, vai a ela, e é por isso que você é mais despojado, e quando está na cidade é mais pragmático, mais objetivado. São duas coisas que se completam, conversam, uma alimenta a outra. Essa troca cada vez me interessa mais, menos a divisão de águas. Outra coisa é a brasilidade do trabalho. Todo aquele lugar eu reconheço como lugar meu, eu pertencço a esse universo, ele me dá essa comemoração de você pertencer a um lugar que tem estrela, mar, ar, vida, frutos, essa riqueza de a gente ser absolutamente pertencente a tudo isso.

O trabalho tem a consciência de estar exercendo essa compreensão. Se eu estou diante do mar, eu não preciso ter cerimônia, eu não preciso ter um comportamento ou me justificar, eu desfruto, vivencio, comemoro, contemplo. É algo que silencia o argumentativo, você não explica o que está vivendo, você faz. A aquarela tem uma leitura muito direta, as pessoas se dão conta do que é, como elas apreciam aquilo. Ela está se favorecendo por conta das dificuldades que a gente está vivendo, das saturações. Está viabilizando um diálogo que ela pode suprir. Ela exerce uma função, nesse aspecto me parece interessante.

Daniela: Percebo nas aquarelas uma potência na superfície: o papel vibra com manchas, gestos, transparências, tons de luz, tons de sombra, cores encontradas pela mistura de pigmentos. Cada gesto permanece evidente na sobreposição das manchas. Tem uma pulsação, um vigor. De alguma forma, parece-me que essa pulsação, esse calor, é tema em sua produção como um todo. Isso faz sentido?

Dudi Maia Rosa: As minhas aquarelas não têm uma questão de representação estética. Elas são interativas com aquilo que estou vivendo. Eu não estou exercendo a fatura, a virtualização da realidade por um espaço representativo. Aquilo lá é como a própria respiração, como a luz que entra no meu olho, passa por mim. É meu diálogo. A coisa tátil do pincel, eu tenho muita vontade da aquarela, ela me chama.

A coisa da fatura poderia estar superada, mas os sentidos não estão. Como consciência do nosso tempo, a fatura não é ostentação, é o próprio exercício da cor, do cultivo. O fator que está em função de uma representação, de uma estetização, isso é um pouco antigo, como se você estivesse prestando contas para uma academia de referências. Eu quero me livrar disso, fazer a coisa de uma forma direta, liberadora.

Eu vejo que as pessoas que estão respondendo às aquarelas percebem isso, como você falou, da energia. Quando a gente fala energia, eu cito o William Blake: "Energia, a nossa eterna alegria". Se elas são feitas de energia, elas não são feitas de fatura, de pincelada, de um repertório acadêmico. Elas são feitas dessa energia e aí eu quero, isso é uma coisa que me cabe e faz muito sentido, quero dar um lugar de valor, de qualidade de vivência.

Um pouco disso que você está falando, olha que curioso, eu tenho aqui nesse trabalho de Legos, que eu estou fazendo, Legos e aquarelas. Eu acho que é uma conversa que está em relação, de todo um processo que está sendo absorvido.

Há quarenta anos, eu fiz um trabalho lúdico com Legos e acabei ficando com as pecinhas que estão no meu estúdio desde então. O Nuno Ramos viu um trabalho de Lego que eu fiz recentemente e foi para a coleção João Carlos Figueira de Ferraz, e me desafiou para fazer uma exposição, que ele iria curar, escrever o texto. Chegou a quarentena, eu comecei a encaixar um por um. Uma coisa que me ocupou, fez um entendimento, um raciocínio e se cristalizou mesmo. E agora, para onde vai, eu não sei. Era para ser exposto, mostrado. Eu queria mostrar o Lego com a aquarela.

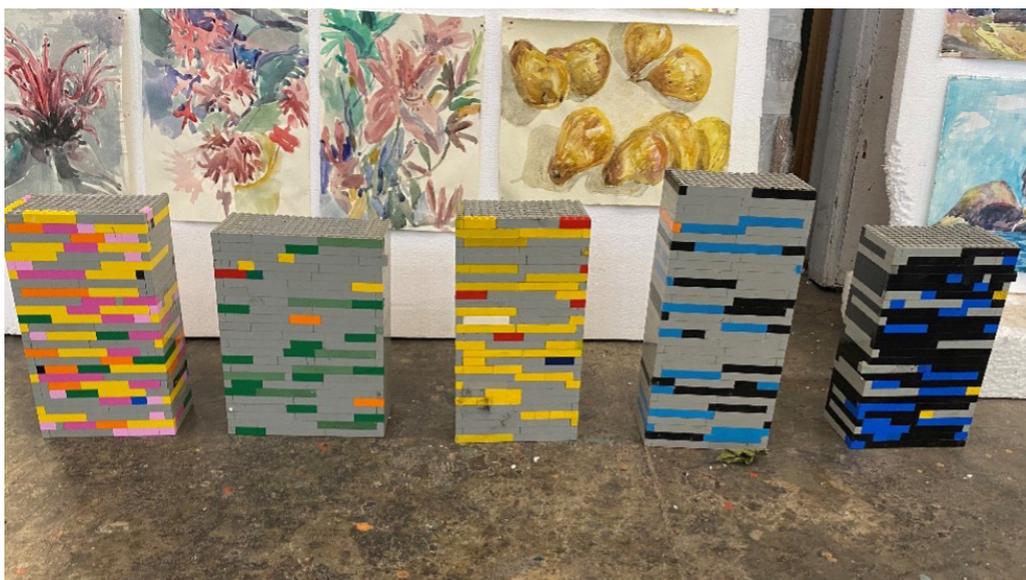


Fig. 3. Dudi Maia Rosa, sem título, 2020. Vista do ateliê com aquarelas e Legos. Medidas variáveis de aprox. 25 x 13 x 7 cm. Crédito fotográfico: Dudi Maia Rosa

Daniela.: Eu li, numa postagem sua sobre a fatura das aquarelas: “A ideia é jogar tudo pro alto e tudo cair no lugar certo”.

Dudi Maia: Isso é uma brincadeira minha, mas é uma ideia muito bonita, muito poética, de você não ficar colocando ordem, de não fazer a coisa muito certa, mas uma comemoração da liberdade e de ter a cristalização desse gesto de liberdade. Tem uma ousadia, tem um desafio que eu faço mesmo, não é uma coisa medida, comedida, comportamental. A criança vai para a praia e faz todas as vontades dela e dá tudo certo, não é que o buraco na areia deu errado, só não pode se afogar. Tem uma frase do Santo Agostinho, que eu conjugo, é praticamente o meu norte: “Ame e faça o que quiser”.

Às vezes, as aquarelas têm uma natureza muito curiosa, umas são mais soltas e eu fico querendo incorporar essa soltura, outras são mais apegadas. Tem momentos. Essa plena expansão é uma aspiração mesmo, aspiro a uma grande liberdade, e de uma forma essa liberdade está constituída, é consistente. Não é uma coisa de chutar para o alto, uma coisa qualquer nota. Você age com algo que tem muita concentração, é isso, você expande algo porque está muito concentrado. É um binômio que está sendo conjugado entre você ter o alinhamento, o registro, a concentração. Antes de tudo é um silenciar da mente.

Eu não faço uma aquarela descrevendo, ali a montanha, ali a água, eu não falo nomes. Ela é vivenciada como relações. É uma coisa libertadora porque não é narrativa, não tem começo, meio e fim. Mas eu estou experimentando, entende? Não é uma coisa que eu já tenho no papo, vou lá e pronto. É como pescaria, às vezes você chega lá, espanta todos os peixes e não pega nada. Tem frustrações, tem muitas coisas que foram experimentadas.

Daniela.: Qual papel e qual tinta você gosta de usar? Como os materiais interferem na pintura?

Dudi Maia: O papel é uma coisa interessante. Eu incorporei um papel há muito tempo, que era o Ingres, da Fabriano. Na verdade, um papel de giz pastel. Uma vez eu mostrei uns trabalhos para uma pessoa e ela falou assim: nossa, esse papel parece dinheiro. Eu adorei, é um papel que parece dinheiro, não é grosso. Não gosto de papel muito absorvente. Eu gosto de papel seco, fino. Parece que você dá a pincelada e ela imediatamente fica. O papel não pode reter o fluxo do pincel. Às vezes, tem um papel que breca, que fica chupando, fica te alugando. Eu gosto que ele flua, e ele é elástico, eu adorava. Agora o papel Fabriano não se fabrica mais, não existe mais. Até andei pintando atrás de trabalhos que eu tinha feito, que eu rejeitei. Tem um Ingres da Hahnemühle, que eu gosto. Mas eu sou uma pessoa que fui casado com o Fabriano e ele morreu. Ficou a lembrança. Eu dou um jeito nessa questão, mas tem muita coisa: tem muita cola, é muito grosso, é muito duro. Aí é talvez que nem italiano com macarrão, não é o ponto.

Eu gosto de pincel que tem ponta fina e que tem corpo para retenção de tinta. Ele é gordo e depois afina, tem a linha e tem a densidade. Já fiz muita aquarela, li muita literatura a respeito, com goma arábica, pega pigmento, mistura, não dá certo, às vezes acha o pigmento bom, tubos de aquarela Rembrandt. Eu misturo tudo, o que tiver. A aquarela tem uma coisa muito louca que de repente ela seca. Elas ficam duras, escuras, desidratadas. Tem uma brincadeira, sempre contada: o professor de aquarela morreu e o papagaio continuou dando aula e ele falava para os alunos assim: põe mais água, põe mais água.

Daniela.: O artista Maciel Babinski foi seu professor de aquarela, certo? Pode tecer algum comentário sobre seus ensinamentos?

Dudi Maia: O Babinski, quando eu conheci, era muito divertido. Um polonês que veio para o Brasil e gostava de umas coisas que eu achava muito divertidas. Era um olhar para o nosso mundo completamente fora de toda minha restrição mais burguesa, limitada de mentalidade. Ele me trouxe uma novidade que coincidia com o entendimento da aquarela. Foi, de certa forma, uma pessoa que me contaminou pelo espírito da aquarela e em muitas outras coisas. O Doutrina das cores, do Goethe, é um livro maravilhoso. Ele é todo feito com aquarela. O Turner tomou a aquarela como um fato a ser exercido, como uma coisa em si, pelo Goethe ter apresentado como pensamento luminoso, pensamento de luz. Aí na juventude você encontra o Winslow Homer, que maravilha, um aventureiro que vai aquarelar ou no Alasca, ou a pesca da truta, o mar, o pescador. Tem uma relação de vida que eu adorei, uma coisa que me falava muito ao coração. Hoje em dia você fala em Winslow Homer, não sei muito, você fala num Gerhard Richter, num Beuys, é bem contextualizado no pensamento da arte.

Daniela: Goethe diz: “Luz e cores se relacionam perfeitamente, embora devamos pensá-las como pertencentes à natureza como um todo: é ela inteira que assim quer se revelar ao sentido da visão.” (GOETHE, 1993, p. 35)

Dudi Maia: Ah, pensar luz! Esse é o filósofo, que filosofava olhando. O Goethe ergue o pensamento à ação, à vida. E o que ele está falando, eu acho que se estende à percepção, porque tem também o cheiro da natureza, tem a coisa tátil. Me parece que aí a experiência é aberta. Tudo o que estamos falando pertence a essa luz. O Wittgenstein fala que as cores nos levam ao pensamento. Eu quero que essa relação do sensorial, desse testemunho luminoso, também nos revele a consciência, de quem somos, do que consiste a nossa existência. É absolutamente irremovível como ele coloca esse fundamento de estabelecer o nosso fiel referencial, o verdadeiro fundamento do que fazemos. Parece que ele era muito entendedor dessa questão. Tem um fator de presença que atua nessa realidade. Goethe pensou isso lá no final do século 18 e me parece que estamos compreendendo agora. Eu quero falar dessas

coisas. E se a aquarela está me fazendo falar dessas coisas, é um caminho bom, confiável. Se estivesse falando coisas que tivessem doutrinando, restringindo, não seria muito onde estaria cabendo a crença, o valor das coisas.

Daniela: Podemos falar numa inteligência do coração?

Dudi Maia: Olha, puxa, é isso aí. Inteligência do coração, então aí estamos falando de algo. Por outro lado, tem uma coisa assim... Uma vez uma pessoa disse: eu amo o Monet, tenho paixão, aquilo me comove, mas o Duchamp eu não gosto muito não. Aí eu pensei: são coisas diferentes. O mundo mudou muito. Porque tem uma coisa que é a sensação, o vivenciar, e outra que é a consciência, a compreensão. Duchamp mexe com a consciência: o que você está fazendo nesse mundo que tem o urinol? Não percebeu ainda onde você está, qual o teu tempo, tua realidade? Eu adoro essa quebra de paradigma. Faz parte do nosso modo de compreensão das coisas. Mesmo essa inteligência do coração é uma inteligência, não é o coração entregue ao seu próprio fluxo de sensação. Eu acho que a inteligência é uma conquista. Talvez essa coisa do Wittgenstein, a cor nos leva ao pensamento, o coração nos leva ao entendimento: quem eu sou, o que eu sou, não é uma coisa que não tem sentido. Quando uma coisa tem sentido? Qual é o sentido do que você fez? Uma coisa tem sentido quando você fez sentindo. O sentido foi implícito no que você fez.

Daniela.: Eu percebo sua aquarela muito libertadora. Ela é um convite, é aberta.

Dudi Maia: Eu falo muito isso para os alunos quando eles veem um trabalho de um mestre, de um artista. Não é para ficar intimidado, é para ficar incentivado. Essas coisas nos falam: Chega! Vamos. Coragem! Não é: Olha como eu faço bem. Isso é bobagem. A formalização, o exercício de dominação, não é o que interessa.

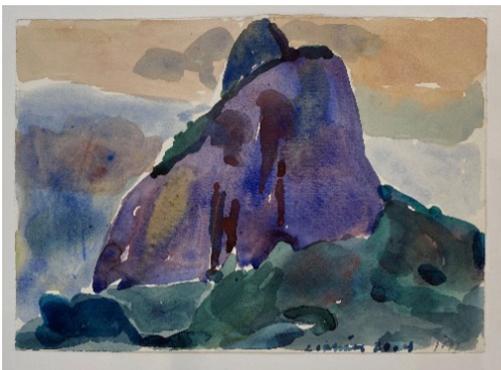


Fig. 4. Dudi Maia Rosa, sem título, 2004. Aquarela, 17,5x25 cm. Crédito fotográfico: Dudi Maia Rosa.

Fig. 5. Dudi Maia Rosa, sem título, 2004. Aquarela, 16,5 x 24,5 cm. Crédito fotográfico: Dudi Maia Rosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Terminei a conversa com Dudi Maia Rosa empolgada, encorajada, por receber um tanto da vitalidade amorosa que esse encontro proporcionou. Naqueles dias, eu estava numa casa à beira-mar, Dudi perguntou-me: dá para ver o mar de onde você está? Saí com o laptop na areia para que ele pudesse ouvir e ver, um tanto pixelado, o mar lá do jardim de sua casa/ateliê em Santo Amaro. Nos meses que seguiram, a produção de aquarelas de Dudi tem sido intensa e diária, junto com a montagem dos objetos com legos – estes foram expostos em “Quem era eu”, na Carbono galeria, em São Paulo, em outubro de 2021, com texto de Nuno Ramos.

Escutar o artista é como estar plena no ritmo das ondas, imersa em toda a vastidão e intensidade do mar, e perceber os pequenos objetos depositados na areia: pedacinhos de cor, com cinzas que ressaltam cores, em pedacinhos de lego ou em materialidades rugosas e transparentes, experimentadas, borbulhantes.

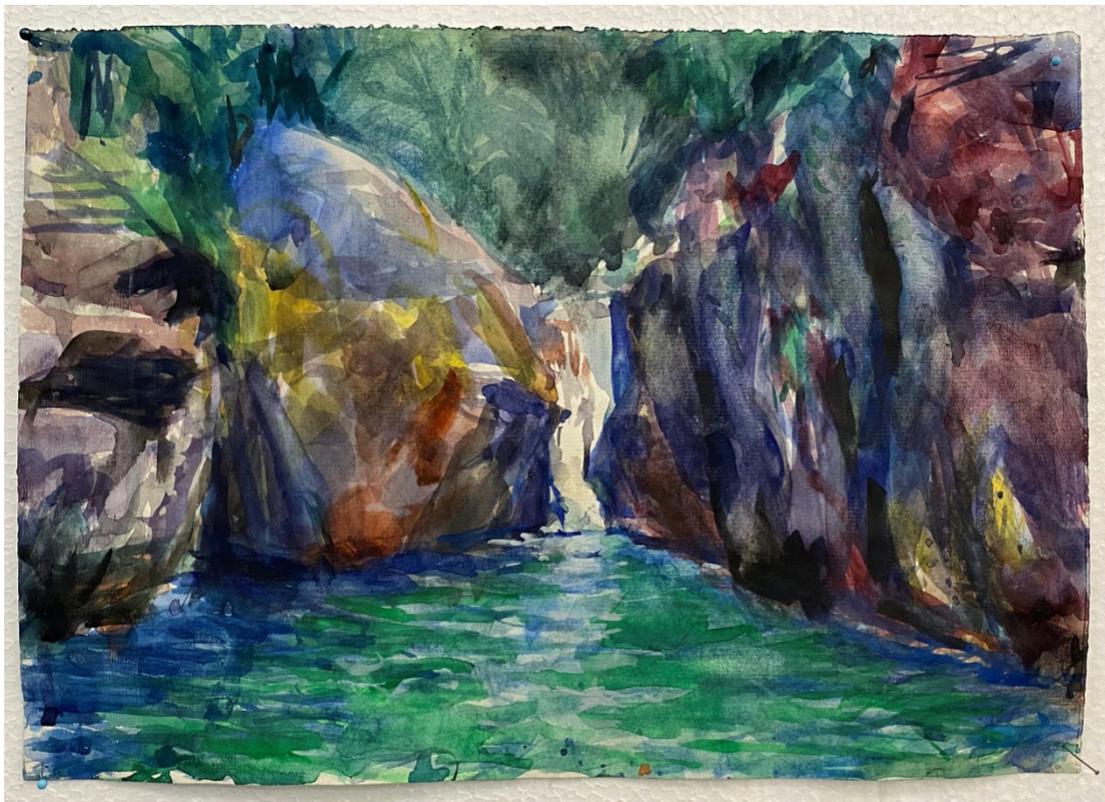


Fig. 6. Dudi Maia Rosa, sem título, 2020. Aquarela, 24,8 x 35 cm. Crédito fotográfico: Dudi Maia Rosa.

REFERÊNCIAS

COSTA, Oswaldo Corrêa da. **Dudi Maia Rosa e as mortes da pintura**. São Paulo: Metalivros, 2005.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **A metamorfose das plantas**. São Paulo: Edipro, 2019.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Doutrina das cores**. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.

NAVES, Rodrigo. **Dudi Maia Rosa**: a alegria luminosa da matéria. In: GALERIA MILLAN. Vrido. Fôlder. São Paulo, 2016.

#aquareladudi. Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/explore/tags/aquareladudi/>>. Acesso em: 20/08/2021.

DUDI Maia Rosa. Verbete da Wikipédia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dudi_Maia_Rosa>. Acesso em: 20/08/2021.

DUDI Maia Rosa. Galeria Millan. Disponível em: <<http://www.galeriamillan.com.br/artistas/dudi-maia-rosa>>. Acesso em: 20/08/2021.

Submissão: 16/10/21
Aprovação: 27/10/21